

Varição do Citshwa: análise comparativa do Cihlengwe e Cimhandla

Lucerio Gundane *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2900-4254>

Resumo: Tendo em conta a análise fonético-fonológica, lexical e discursiva, o estudo descreve os factores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a variação e/ou mudança linguística do Citshwa (S.51). O estudo é fundamentado pelo modelo metodológico da sociolinguística variacionista de Labov (1972) e analisa as variações do Citshwa, com enfoque para o Cihlengwe, falado no distrito de Massinga e o Cimhandla, falado no distrito de Vilankulo em Inhambane, na região sul de Moçambique. A pesquisa é de campo. Os dados foram recolhidos entre os meses de Fevereiro a Março de 2021. Quanto à geração de dados, foram adoptados os seguintes métodos: pesquisa bibliográfica, observação, entrevista e questionário. Em relação à análise de dados, foi adoptado o método comparativo e método introspectivo. Assim, analisados e discutidos os dados, constatou-se que as variações mais frequentes do Citshwa se situam a nível fonético-fonológico, lexical e discursivo. No que diz respeito aos factores, o estudo provou que a variação do Citshwa é condicionada por factores de ordem linguística (contacto de línguas, interferências de outras línguas) e extralinguística (sociais, localização geográfica dos distritos de Vilankulo e Massinga).

Palavras-chave: Variação linguística, Citshwa, Cihlengwe, Cimhandla.

Variation of Citshwa: comparative analysis of Cihlengwe and Cimhandla

Abstract: Taking into account the phonetic-phonological, lexical and discursive analysis, the study describes the linguistic and extralinguistic factors that contribute to the variation and/or linguistic change in Citshwa (S.51). Integrated in the Theoretical-Descriptive Linguistics of Bantu, the study is based on the methodological model of the Variationist Sociolinguistics of Labov (1972) and analyzes the variations of Citshwa, focusing on Cihlengwe, spoken in the district of Massinga and Cimhandla, spoken in Vilankulo district in Inhambane province, in the southern region of Mozambique. During the research, the data were collected within the months of February to March 2021. As for data generation, the following methods were adopted: bibliographic research, observation, interview and questionnaire. Regarding data analysis, the comparative method and the introspective method were adopted. Thus, after analyzing and discussing the data, it was found that the most frequent variations of Citshwa are at the phonetic-phonological, lexical and discursive levels. With regard to factors, the study proved that the variation of Citshwa is conditioned by linguistic factors (contact of languages, interference from other languages) and extralinguistic factors (social, geographical location of Vilankulo and Massinga districts).

Keywords: linguistic variation, Citshwa, Cihlengwe, Cimhandla.

Wucicacici ga lirimi ya Citshwa: wuxopaxopi ga kuhambhanahambhana ka Cihlengwe ni Cimhandla

Kandzakanyu: Nahisukela ka gondzo ya wuxopaxopi ya fonetika, fonoloxjiya, lexisikali ni mawulawulela ya Citshwa, gondzo leyi yi kombekisa zvivangelo zvandzeni ni zvhandle ka lirimi zvimahaku ku yicacica, nayitiyisiwa hi Lingwixitika ya wutlatlambuteli ga tirimi ta tumbunuku. Gondzo leyi yi seketeliwa hi ndlela ya Sosiyolingwixitika ya wuhambanihambani ya Labov (1972), na yitivekisela kukombekisa matshamela ya kucicacica ka Citshwa, na yibzekelela ka Cihlengwe ciwulawuliwaku kaMasingi, ni Cimhandla ca kaVilakulu ka cipandzakulu Inyambhani, Musambhiki. I gondzo ya mugangeni. Xungetanu hi mahungu ya gondzo, wona makolelilwe ndzeni ka tihweti ta

* Doutorando em Linguística Pela Universidade Federal de Santa Catarina, linha de pesquisa – Políticas Linguísticas; Mestre em Linguística, Professor de Linguística Teórica e Descritiva de Português e das Línguas Bantu na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Save – Maxixe. Email: luceriogundane@yahoo.com.br.

Nyanyankulu kala Mahandzakanyi ka lembi ga 2021. Mayelanu ni wulongiseli ga mahungo, kutirisilwe tindlela leti: zvigondzo zva mabhuku; wucuwukiseli; wuwotiseli ga magezu ni ga maphepha. Mayelanu ni wuhlohi, kutirisilwe ndlela ya kufananisa mahungu ni ya kuveka mawonela. Hi kawuhlohi, kuwonekile lezvaku wucicacici ga Citshwa gihumelela ngovhu ka zvigava zva fonetika, fonoloxjiya, lekisiku ni ka wuwulawuli. Mayelanu ni zvivangelu zvawucicacici, gondzo yi kombhekisile ku zvivangiwa hi kutlangana (kukumana) ka liri yin'we ni yin'wani ni ka mahanyela ya vawulawuli va tirimi mayelano ni minganga (kaVilakulu ni kaMasingi).

Magezu-tshinya: Wucicacici ga liri, Citshwa, Cihlengwe, Cimhandla.

Introdução

O presente estudo analisa as variações do Citshwa (S.51) segundo Guthrie (1967/71), com enfoque para o Cihlengwe, falado no distrito de Massinga¹ e o Cimhandla, falado no distrito de Vilankulo², em Inhambane, na região sul de Moçambique. Especificamente, são demonstradas as variações do Citshwa a nível fonético-fonológico, lexical e discursivo; de igual modo, são descritos os fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a variação do Citshwa e, por fim, são explicadas as variações mais comuns entre o Cihlengwe e o Cimhandla.

O estudo está integrado no domínio da sociolinguística variacionista de Labov (1972), segundo o qual, a representatividade dos dados relativos ao indivíduo e à sociedade são fundamentais para explicar o significado de um ato comunicativo, visto que não se pode estudar a língua como uma estrutura isolada. A sociolinguística variacionista estuda a língua no seu uso social, onde a análise da linguagem é vista numa perspectiva heterogênea.

Por isso, com o estudo, se pretende mostrar que as estruturas linguísticas variam tendo em conta cada comunidade de fala³ (Labov, 1972), distanciando-se, deste modo, das abordagens estruturalistas, que olham a linguagem como um conjunto de signos ou estruturas linguísticas homogêneas (Saussure, 2006), pelos quais uma determinada sociedade usa para trocar informação, enfatizando-se que, para a sua materialização, os usos da linguagem dependem do contexto em que os falantes se encontram.

Em relação à língua de estudo, o Citshwa possui 6 variantes, designadamente, Cikhambani, Cirhonga, Cihlengwe, Cimhandla, Cidzonge e Cidzivi. Esta língua é falada na zona meridional de Zimbabwe e na província do Transvaal, na África do Sul. Em

¹ O distrito de Massinga está situado na zona central da província de Inhambane, tendo como limites, a Sul os distritos de Funhalouro e Morrumbene, a oeste o distrito de Funhalouro, a Norte e Nordeste o distrito de Vilankulo, e a Este o oceano Índico.

² O distrito de Vilankulo fica situado a Norte da província de Inhambane, tendo como limites a Norte com o distrito de Inhassoro, a Sul com o distrito de Massinga, a Oeste com os distritos de Mabote e Funhalouro e a Este com o Oceano Índico.

³ Para Hudson (1980, p. 25), "comunidade linguística é referenciada como sinónimo de comunidade de fala".

Moçambique, o Citshwa é falado nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane (cidades de Inhambane, Maxixe, Vilankulo; vilas de Morrumbene, Massinga, Panda, Inhassoro, Funhalouro e Homoine) (Ngunga & Faquir, 2011; INE, 2019).

No que diz respeito ao número de falantes, de acordo com os dados do INE (2019), esta língua é falada por 836.644 pessoas de cinco anos e mais de idade, um número relativamente maior, se comparar com os dados do censo populacional de 2007 (693.386 falantes). Além do Citshwa, destaca-se o Gitonga (S. 62), outra língua bantu amplamente falada em Inhambane, com um total de 194.643 e o Cicopi (S. 61), com um total de 227.652 falantes.

É um fato que as línguas variam com o tempo e também com o lugar. Em cada comunidade onde uma determinada língua é falada existem certas realizações que a diferem da outra. A língua Citshwa, em particular, não foge à regra, também apresenta variações ao nível fonético, fonológico, morfossintático, semântico e até discursivo como se pode ver nos dados que seguem:

- a) *Ngonyamu yileva ngovhu loko yihi khwatini* 'O leão é muito perigoso quando está no mato'
- b) *Nghala ya daya loku nayihi lomu khwatini* 'O leão é muito perigoso quando está no mato'
- c) *Jowana urwele thumbhu ga mati.* 'A Joana carregou o bidão de água'
- d) *Jowana irwele cigubhugubhu ca mati.* 'A Joana carregou o bidão de água'

Por isso, o estudo levanta as seguintes questões: que factores condicionam a variação de Cihlengwe e Cimhandla? Quais são as variações mais comuns entre o Cihlengwe e o Cimhandla? Diante destas questões, foram levantadas as seguintes hipóteses: i) os factores que contribuem para a variação do Citshwa têm que ver com as influências de outras línguas ou dialectos que provêm das zonas fronteiriças. No caso de Massinga, verificam-se influências de línguas bantu como, por exemplo, Gitonga e Português e, em Vilankulo, devido ao contacto com falantes de outras línguas faladas no Arquipélago do Bazaruto, p. e., Cihoka; ii) a língua é dinâmica, ela sofre alterações diacrónicas e sincrónicas; iii) as variações mais comuns entre Cihlengwe e Cimhandla são a nível fonético-fonológico, morfossintático, lexical e semântico.

Diante dos resultados a serem obtidos, espera-se que a nível da teoria linguística, o estudo forneça bases científicas para o desenvolvimento científico do Citshwa.

Em relação à estrutura, o estudo está organizado em 4 secções: a primeira secção constitui a introdução, em que se contextualiza o estudo através da teoria de base, do problema, dos objetivos e da justificativa; a segunda secção descreve a metodologia; a terceira secção apresenta o referencial teórico; segue a quarta secção com a

Lucerio Gundane, Variação do Citshwa: análise comparativa do Cihlengwe e Cimhandla
apresentação, análise e discussão de dados; por fim, são apresentadas as conclusões e as referências.

1. Metodologia

A pesquisa é de campo e decorreu nos distritos de Massinga e Vilankulo, em Inhambane, na região sul de Moçambique, entre os meses de Fevereiro a Março de 2021. Refira-se que durante o trabalho campo se procedeu à observação e descrição do fenómeno variação do Citshwa no local previamente delimitado. Quanto à geração de dados, durante a pesquisa, foram adotados os seguintes métodos e técnicas: pesquisa bibliográfica, observação participante, entrevista e inquérito.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2008). Neste estudo, a pesquisa bibliográfica foi operacionalizada através de fontes de natureza secundária extraídas em revistas académicas, livros, monografias, dissertações, teses, entre outros materiais já publicados relacionados com o tema.

A observação participante permite que o pesquisador faça a coleta de dados, participando do grupo ou organização, observando as pessoas e seu comportamento em situações de sua vida quotidiana (Becker, 1994; Marconi & Lakatos, 2003). A fase da observação decorreu durante o período do estudo, na etapa em que se procedia à administração das entrevistas e dos questionários à população-alvo. A observação permitiu que se entrasse em contacto com a comunidade linguística de Vilankulo e de Massinga, com vista a uma observação minuciosa dos falantes de Cimhandla e Cihlengwe, respectivamente.

Em relação à entrevista semi-estruturada, também utilizada para a geração de dados, esta constitui uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obter dados que interessam à investigação. A entrevista consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa (May, 2004; Gil, 2008; Ruiz, 2009). Assim, a entrevista foi administrada, a fim de se obter informações a partir de falantes nativos de Citshwa e, para o efeito, foram entrevistados 20 falantes, com idades entre 35 a 60 anos, dos quais, 10 falantes da variante Cihlengwe e 10 do Cimhandla.

Por último, foi aplicado o questionário⁴ que continha o vocabulário básico de Citshwa (NELIMO, 2000) dirigido a 7 jovens, sendo 4 residentes no distrito de Massinga e 3 no distrito de Vilankulo. A identificação e seleção dos informantes obedeceram a dois critérios básicos, ou seja, ser falante nativo da língua Citshwa e ser residente tanto no distrito de Massinga, como no distrito de Vilankulo. Esta amostra permitiu trazer informações relevantes que conduziram ao alcance dos objetivos e às respostas do problema da pesquisa.

Por último, a interpretação de dados seguiu o método qualitativo. Michel (2005) e Carvalho (2008) referem que o método qualitativo permite a descoberta, a identificação, a descrição aprofundada e a geração de explicações. Busca o significado e a intencionalidade dos atos, das relações e das estruturas sociais. Portanto, a escolha desta abordagem tornou-se útil para a interpretação de opiniões, ideias e respostas dos informantes selecionados para o estudo. E, em relação à análise de dados, usou-se o método comparativo, que, conforme Marconi & Lakatos (2003), realiza comparações com intuito de verificar semelhanças ou divergências em algo. O estudo apresenta dados inerentes à análise comparativa da variante Cihlengwe e Cimhandla. Importa referir que durante a análise de dados, foi adotado o método introspectivo, pois, um dos autores do presente estudo é falante nativo da língua Citshwa e membro integrante da comunidade linguística falante da variante Cihlengwe.

2. Do conceito de sociolinguística à sociolinguística variacionista

Ao se observar uma conversa entre dois indivíduos pertencentes a extratos sociais diferentes ou entre um jovem e alguém mais velho, nota-se que as línguas não são estáticas; ao contrário, estão em constante variação e mudança. Não é só o linguista que consegue perceber essa variação, como também um falante comum também tem consciência disso (Deus & Machado, 2010).

Para Deus & Machado (2010), a sociolinguística surge na década de 1960 como reação aos estudos que não consideravam a abordagem dos fatos sócio-históricos no tratamento dos fenômenos linguísticos. Esse novo modelo teórico-metodológico, a sociolinguística variacionista ou teoria da variação, tem como seu principal representante o linguista americano William Labov, que desenvolveu estudos sobre a mudança em

⁴ A popularidade do questionário relaciona-se com o facto de ser uma técnica atractiva e extremamente versátil, a única capaz de fornecer informações mais detalhadas sobre um determinado fenómeno em estudo (Carvalho, 2009).

Lucerio Gundane, Variação do Cishwa: análise comparativa do Cihlengwe e Cimhandla progresso na Ilha de Martha's Vineyard (1963) e sobre a estratificação social do inglês da cidade de Nova Iorque (1966).

A sociolinguística estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. Deste modo, a tarefa da sociolinguística é descrever e analisar a variação linguística, correlacionando-a às estruturas sociais; em outras palavras, enfatiza-se a relação entre língua e sociedade (Cezario & Votre, 2008; Deus & Machado, 2010). A sociolinguística variacionista de Labov estuda a variação e mudança linguísticas no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de heterogeneidade sistemática, factor importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade (Coan & Freitag, 2010).

Labov (1972), com a sua teoria, encara a língua como um fator sociocultural e não individual, refutando, quer a perspectiva estrutural de F. Saussure (1916), quer a generativa de N. Chomsky (1965), ambas centradas na homogeneidade linguística, ou seja, estes olham a língua como um sistema sincronicamente homogêneo, unitário e autônomo, sendo que os fatores que impulsionam a sua mudança não estão ligados ao meio social ou à comunidade de fala, mas, sim, a fatores intrínsecos à própria língua.

A sociolinguística que Labov propõe tem o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (Labov, 1972). A “sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*)” (Coan & Freitag, 2010, p. 176).

A sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala são duas entidades distintas que podem ser correlacionadas. A explicação estrutural para os fenômenos heterogêneos do comportamento linguístico é investigada, na sociolinguística correlacional, por meio da correlação estatística entre esses fenômenos não categóricos, isto é, que variam de um enunciado para outro, de um falante para outro, ou até de um estilo para outro no repertório do mesmo falante, com entidades linguísticas e sociais. Os fenômenos

heterogêneos a serem correlacionados podem ser de natureza fonológica, morfológica, sintática (Bartoni-Ricardo, 2014).

Portanto, depois destas notas introdutórias, pode-se concluir que a teoria da sociolinguística variacionista de Labov (1972) tem uma estreita relação com a presente pesquisa, visto que, ao destacar o estudo da língua no seu uso social, devendo ser analisada numa perspectiva heterogênea (as estruturas linguísticas variam em determinadas comunidades de fala); paralelamente aos objectivos do estudo, esta teoria possibilitará uma análise das variações e as possíveis mudanças linguísticas decorrentes dos usos da língua Citshwa no distrito de Massinga e Vilankulo. Desta forma, a seguir, discute-se o conceito de variação linguística.

2.1. Variação linguística

Na óptica de Mateus et al. (2003), qualquer língua varia ao longo do tempo e do espaço da sua utilização. A variação linguística é o fenómeno pelo qual uma determinada língua muda numa dada época, lugar ou em função de um grupo social. Ela resulta do desaparecimento ou surgimento de novos vocábulos, bem como de sua significação, que passam a ser incorporados à gramática normativa, ao longo do tempo. A variação linguística é influenciada por diversos factores externos que incidem sobre a língua no seu contexto fonético, semântico, lexical e morfológico. Por seu turno, Correia & Lemos (2005) destacam como aspecto característico de qualquer que seja a língua, a mudança e a inovação. Todas as línguas evoluem necessariamente ao longo do tempo e a ausência de evolução significa para elas a sua morte. A mudança que ocorre na língua afecta todas as componentes do conhecimento linguístico.

A variação linguística é associada à mudança linguística. Como sustenta Firmino (2006), a mudança linguística é originada através da existência de variação no uso da língua, ou seja, é a partir de novas formas de abordagem, novas funções sociais que surge uma mudança linguística. A mudança linguística é consequência da variação, sendo que, nem sempre esta consequência se efetua. A variação linguística está ligada aos processos de transformação linguística, como é o caso da mudança diacrônica, alternância de códigos e/ou morte de uma língua.

Ainda na óptica de Firmino (2006, p. 35), “a variação linguística tem sido associada a processos de transformação linguística, tais como: a mudança diacrônica, a alternância e a morte da língua.” A variação tem-se confundido com ‘erro’, como afirmam Bagno & Rangel (2005), que, em muitos trabalhos científicos, designa o conjunto de regularidades

gramaticais detectáveis no uso efetivo da língua por parte dos “falantes cultos”; cidadãos urbanos com ‘escolaridade superior’ completa. Em suas interações sociais, tem-se, com isso, uma duplicidade de conceitos abrigados sob o mesmo rótulo de “norma culta”: um conceito normativo, isto é, de como a língua “deve ser”, e um conceito que se aplica ao que é normal na língua (ou mais precisamente numa variedade específica da língua, a dos cidadãos urbanos mais letrados).

Ao se desenvolver estudos inerentes à sociolinguística variacionista, é necessário que se abordem alguns conceitos que, na maioria dos casos, se confundem com línguas e/ou variação, como é o caso da variante, variável e variedade. Neste sentido, para Salomão (2011), o termo variante é utilizado nos estudos de sociolinguística para designar as formas que estão sofrendo variação, ou seja, uma ou mais formas usadas ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. O conjunto das variantes é denominado variável linguística, isto é, a forma, o traço ou construção linguística que é o próprio fenômeno variável. E, variedade é o termo que corresponde ao termo dialeto.

A sociolinguística entende que o emprego das variantes não é aleatório, mas é influenciado por grupos de factores de natureza social ou estrutural que podem exercer pressão sobre os usos da linguagem (Labov, 1972). Para Monteiro (2000), a expressão variedade linguística foi criada para evitar as conotações negativas dos termos língua e dialecto. Para este autor, a variedade pode ser muito maior do que uma língua ou muito menor do que um dialecto. Em sociolinguística costuma-se descrever a variação linguística sob ponto de vista da dimensão interna e externa da língua. Por um lado, na dimensão interna da língua, destaca-se a variação lexical, variação fonético-fonológica, variação semântica, variação morfológica, variação discursiva e variação sintáctica. Por outro lado, na dimensão externa da língua, tem-se a variação geográfica, variação social, variação estilística (Bortoni-Ricardo, 2004; Gorski & Coelho, 2009).

A variação pode ser estudada tanto de um ponto de vista sincrónico, quanto diacrónico. O estudo sincrónico concentra-se na variação que ocorre em um ponto específico do tempo; ao passo que o estudo diacrónico envolve análises de um sistema linguístico tendo em conta a sua evolução. Uma variação observada hoje pode vir a ser a fonte de uma mudança depois de certo tempo (Viotti, 2013). Neste sentido, os dados referentes ao estudo estão relacionados apenas com a variação sincrónica, visando analisar a variação do Citshwa nos distritos de Massinga e Vilankulo. No que diz respeito à variação nas línguas bantu, de uma forma geral, elas sofrem variações linguísticas a

nível lexical; fonético-fonológico; semântico, morfológico, discursivo e sintáctico. No caso das línguas bantu moçambicanas e, especificamente, o Citshwa, objecto do presente estudo, sofre interferências e/ou influência de outras línguas bantu e do Português, fruto da convivência entre elas, pois o Citshwa coabita com línguas como: Gitonga, Xichangana, Cicopi, Português, Inglês, entre outras (Ngunga, 2012; Nhampoca, 2015, Gundane, 2019).

Contudo, diante das dimensões do fenómeno variação linguística acima apresentadas, os dados do estudo centraram-se apenas nos 3 tipos, nomeadamente: variação lexical, a fim de compreender como os factores geográficos interferem na variação e mudança linguística do Citshwa com enfoque para a descrição do léxico nas duas variantes em análise; variação fonológica, visando descrever as diferenças na articulação de palavras e/ou frases; e variação discursiva, em que foram apresentadas diversas formas de actuação dos falantes (diferentes formas de falar). Por isso, a partir do *corpus* seleccionado para o estudo, tal como argumentam Cezario & Votre (2008), a variação ilustrará o carácter adaptativo da língua como um código de comunicação, i, e., como uma entidade assistemática. O linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela se configura na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou que a inibem.

2.3.Fatores que condicionam a mudança linguística

Na busca da motivação para o uso da regra variável, a análise variacionista contempla variáveis linguísticas e não linguísticas, também denominadas fatores. Um fator muito relevante em estudos variacionistas é a gama de estilos no repertório dos falantes. Muitos estudos têm mostrado que o grau de formalidade, que varia de acordo com os estilos ou registros de qualquer falante, é condição importante na análise da variação (Bortoni-Ricardo, 2014). Labov (2008) citado por Bortoni-Ricardo (2014) admite que os linguistas formam dois grupos em relação ao estudo das mudanças linguísticas. Há os que se centram apenas em fatores internos, estruturais ou psicológicos, e há os que consideram os fatores sociais. Entre esses estão os sociolinguistas.

O entendimento da língua como um sistema complexo, dinâmico e adaptativo torna a distinção entre as mudanças motivadas por fatores externos ou internos irrelevantes de um ponto de vista linguístico. Toda mudança linguística tem origem no contacto entre idioletos, na construção de atos comunicativos entre falantes e nas acomodações que se fazem nos idioletos para aumentar a compreensão mútua entre os participantes da

Lucerio Gundane, Variação do Citshwa: análise comparativa do Cihlengwe e Cimhandla interação (Viotti, 2013). Em função dos objetivos da pesquisa, o estudo procura descrever os fatores linguísticos (contacto de línguas, interferências de outras línguas) e extralinguísticos (psicológicos, sociais, localização geográfica do distrito de Vilankulo e Massinga).

3. Apresentação, análise e discussão de dados

3.1. Variação do Citshwa: análise comparativa do Cihlengwe com Cimhandla

Esta secção dedica-se à apresentação, análise e discussão dos dados gerados na base de inquéritos e entrevistas direcionados a 27 falantes de Citshwa residentes nos distritos de Massinga e Vilankulo. Para melhor discussão dos resultados, fez-se uma subcategorização da análise em partes, tendo em conta os dados obtidos, que são descritos a seguir.

3.1.1. Análise das entrevistas direccionadas a falantes do Citshwa em Vilankulo

Foram entrevistados no total de 10 pessoas, onde 5 pessoas têm funções de chefe de quarteirão, 2 jovens com idade compreendida entre 20 – 30 anos, residentes do bairro Alto Macassa e 3 adultos com idade compreendida entre 35 e mais, um residente no Bairro Central e 2 residentes na zona do Cruzamento de Pambara.

Sobre os factores que motivam a variação linguística no Citshwa, os entrevistados foram unânimes em afirmar que Vilankulo é um distrito turístico que alberga muitas pessoas provenientes de vários locais e, conseqüentemente, falantes de várias línguas. Questionados sobre as diferenças de realização que fazem do Citshwa falado em Vilankulo ser diferente doutros distritos, os entrevistados mencionaram algumas palavras e frases que são apresentadas em 1).

1. Algumas palavras e frases da variante Cimhandla

- | | |
|------------------------------------|----------------------------------|
| a) <i>Ndziya ndzapakela movha.</i> | ‘Vou meter passageiros no carro’ |
| b) <i>Bhola legiya ga mina.</i> | ‘aquela bola é minha’ |
| c) <i>La kaya angativi.</i> | ‘aqui em casa ele não sabe nada’ |
| d) <i>Kundakaja</i> | ‘algo que anima’ |
| e) <i>Maria ufambhile kaya.</i> | ‘A Maria foi para casa’ |
| f) <i>Nganju</i> | ‘camisa’ |
| g) <i>Awunokula</i> | ‘cresceste’ |
| h) <i>M’badi</i> | ‘peneira’ |
| i) <i>Citheve</i> | ‘esteira’ |
| j) <i>Titsumbhi</i> | ‘esteira de lacaças’ |
| k) <i>Wusiku lowu</i> | ‘esta noite’ |

- l) *Woni* 'espelho'
 m) *Tsala* 'verb. escrever'

3.1.2. Análise das entrevistas direccionadas a falantes do Citshwa em Massinga

No distrito de Massinga, foram entrevistados 10 falantes que têm a língua Citshwa como L1, cuja idade varia entre os 23 a 60 anos. Os 5 falantes têm a função de chefe de quarteirão, 2 falantes residentes no bairro Conze e Cilakwa, 1 da localidade de Chicomo e 1 falante da localidade de Guma.

Perguntados sobre os factores que causam a variação do Citshwa no distrito da Massinga, os entrevistados responderam que as variações têm que ver com o encontro massivo das pessoas oriundas de vários pontos geográficos, bem como de influências das outras faladas no distrito como, por exemplo, Gitonga, Cindawu, Português, Cifanakaló; Xichangana e Inglês. Os dados que seguem foram produzidos pelos entrevistados e são referentes ao Cihlengwe.

2. Algumas palavras e frases do Cihlengwe

- | | |
|--|------------------------------------|
| a) <i>Ina loyi wanyondza.</i> | 'este jovem come muito' |
| b) <i>Sangu ga madhala.</i> | 'esteira da vovó' |
| c) <i>Cihlangala citele hi timanga.</i> | 'o celeiro está cheio de amendoim' |
| d) <i>Lembhi legi hipfunile zvipfhaki.</i> | 'este ano colhemos muito milho' |
| e) <i>Foni ya yiswa.</i> | 'novo telefone' |
| f) <i>Bzanyi</i> | 'capim' |
| g) <i>Bzala</i> | 'bebida' |
| h) <i>Malumi wa mina.</i> | 'meu sobrinho' |
| i) <i>Hakhozela hi tisoto.</i> | 'rezamos aos domingos' |
| j) <i>N'yangaleyi i jaha.</i> | 'este curandeiro é jovem' |

Portanto, a tabela que segue sistematiza as variações do Citshwa falado em Vilankulo e na Massinga, Cimhandla e Cihlengwe, respectivamente.

Tabela 1: Dados do inquérito gerados na Massinga e Vilankulo

LÍNGUA PORTUGUESA	CIHLENGWE)	CIMHANDLA)
Subir chapa ⁵	<i>Kukhilela movha</i>	<i>Kupakela/kupakija movha</i>
Este menino está muito doente	<i>Mufana loyi ibabza ngovhu</i>	<i>N'wanana loyi wababza ngovhu</i>
Aquele é muito indisciplinado.	<i>Gayani iphukwa ngovhu</i>	<i>Lagaya waphukwa ngovhu</i>
O João está cansado de pilar	<i>Juwawu ikarele hi kudula</i>	<i>Juwawu akarele hi kukandza</i>

⁵ Aqui, a unidade lexical 'chapa', refere-se ao meio de transporte de passageiros.

O cágado anda devagar	<i>Futsu yifambha hi kunonoka</i>	<i>Futsu yifambha kutsongwani-tsogwani</i>
O leão é muito perigoso quando está no mato	<i>Ngonyamu yileva ngovhu loko yihi khwatini</i>	<i>Nghala ya daya loku nayihi lomu khwatini</i>
O João irá à escola amanhã	<i>Juwawu itaya cikoleni mandziku</i>	<i>Juwawu utafambha cikoleni mandziku</i>
A Joana carregou um bidão de água	<i>Jowana irwele cigubhugubhu ca mati</i>	<i>Joana urwele thumbhu ga mati</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Ao se deter nos fenômenos da língua que não são categóricos, ou seja, que se apresentam em variação, a sociolinguística variacionista identifica aqueles cuja variação é considerada instável, porque as diversas variantes da regra assumem valores sociossimbólicos distintos na comunidade. Algumas variantes são mais prestigiadas que outras. Nesses casos, entre as variantes que estão em competição, algumas acabam por prevalecer, enquanto outras tendem a desaparecer (Bortoni-Ricardo, 2014). Em relação a este fenômeno, ainda que não constitua objecto central da pesquisa, durante o trabalho de campo, foi possível observar que o Cihlengwe (Massinga) apresenta o carácter valorativo uma vez comparado com o Cimhandla (Vilankulo).

4. Variações mais comuns entre o Cihlengwe e o Cimhandla

Visando descrever os factores que contribuem para a variação do Citshwa e as variantes mais comuns entre o Cihlengwe e o Cimhandla, os dados que seguem são analisados comparativamente entre as duas variantes na base dos dados gerados no campo. Porém, o estudo não abrange a totalidade do universo, por este motivo, definiu-se a amostra, que permitiu buscar dados relevantes para a análise do *corpus*, tendo em conta o tipo de problema envolvido, nomeadamente: variação fonético-fonológica, variação lexical e variação discursiva.

4.1. Variação fonético-fonológica

A variação fonético-fonológica pode afetar a pronúncia de certos sons e/ou palavras numa determinada língua. Na língua Citshwa, as diferenças na pronúncia de palavras são motivadas pela interferência do Português e de outras línguas bantu acima descritas. Vejam-se os seguintes exemplos:

3. Exemplos de variação fonético-fonológica do Cihlengwe e do Cimhandla:

- a) *Jowana irwele cigubhugubhu ca..* (Cihle) [ir^wele] ‘A Joana carregou o...’
- b) *Jowana urwele thumbhu ga mati.* (Cimh) [ur^wele] ‘A Joana carregou o...’
- c) *Kubzala* (Cihle) [kubzala] ‘semear’

d) *kubzwala* (Cimh) [kubz^wala] ‘semear’

Note-se que em a), no verbo ‘carregar’, os falantes de Cihlengwe, na terceira pessoa, do passado simples, a marca do sujeito é expressa pela vogal [-rec; +alt]. Em contrapartida, em b), na variante Cimhandla, é a vogal [+rec; +alt] que expressa a marca do sujeito. Além disso, para os falantes do Cihlengwe, bidão de água é *cigubhugubhu*, enquanto para os falantes de Cimhandla é *thumbhu*.

Em c), para o verbo semear, os falantes de Cihlengwe usam a consoante africada [bz] contrariamente a d), em que os falantes de Cimhandla usam a mesma consoante, todavia, com um ligeiro arredondamento dos lábios devido à inserção da semivogal [+rec; +alt].

4.2. Variação lexical

“A mudança linguística pode dar-se em qualquer nível, na fonologia, na morfossintaxe, no léxico etc. É justamente no léxico que ela se torna mais perceptível pelos usuários” (Bartoni-Ricardo, 2014, p. 61). Assim, na variação lexical, as palavras são escritas de formas diferentes, mas que apresentam o mesmo significado, como se pode ver nos dados seguintes:

4. Exemplos de variação lexical do Cihlengwe e do Cimhandla:

Tabela 2: Dados do inquérito gerados na Massinga e Vilankulo

VARIANTE CIHLENGWE		VARIANTE CIMHANDLA	
<i>Sangu</i>	Esteira	<i>Citheve</i>	Esteira
<i>Lihlelu</i>	Peneira	<i>M'badi</i>	Peneira
<i>Nhondzo</i>	Irmão mais velho	<i>Nivanji</i>	Irmão mais velho
<i>Chapu</i>	Machado	<i>Bhewula,</i>	Machado
<i>Kupswala</i>	Dar à luz	<i>Kuphuluka</i>	Dar à luz
<i>Kundakaja</i>	Animar	<i>Kunandziha</i>	Animar
<i>Cikhovha</i>	Mocho	<i>Khuhunhu</i>	Mocho
<i>Nghonyamu</i>	Leão	<i>Ngala</i>	Leão
<i>Cigubhugubhu</i>	Bidão de água	<i>Thumbhu</i>	Bidão de água
<i>Nyiwani</i>	Novo	<i>Yiswa</i>	Novo

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Com base nos dados acima, pode-se perceber que a língua constitui uma entidade abstrata, um sistema heterogêneo (Labov, 1972). Com esta amostra, é possível concluir que os falantes do Cihlengwe e do Cimhandla usam unidades lexicais diferentes para se referir a um mesmo significado/objeto, fato que fundamenta o caráter dinâmico do sistema linguístico.

Através dos dados, há que se assumir que a língua varia em qualquer nível que seja. Como fundamenta Viotti (2013), a língua constitui um sistema complexo, dinâmico e adaptativo. O sistema está sempre em movimento em todos os níveis e entre níveis, num processo constante de auto-organização. A mudança é, então, considerada como inerente ao sistema linguístico. Não há como concebê-lo, em qualquer nível que seja, sem ela.

4.3. Variação discursiva

No âmbito da sociolinguística variacionista, o termo discurso tem sido utilizado com diferentes acepções: pode-se referir à organização da linguagem acima da frase remetendo à ideia de texto, e/ou pode remeter ao uso linguístico na interacção, envolvendo também aspectos pragmáticos. Entende-se, pois, por variação discursiva, o “processo que envolve fenómenos variáveis no nível discursivo tomados como objecto de análise, bem como condicionamentos de natureza discursiva” (Görski & Valle, 2016, p. 81). Com base nos dados do estudo, a seguir procede-se à exemplificação da variação discursiva. Vejam-se os dados que seguem:

5. Exemplos de variação discursiva do Cihlengwe e do Cimhandla:

- | | | |
|------------------------------|---------|---------------------------------|
| a) <i>Inaloyi i nhondzo.</i> | (Cihle) | ‘este jovem come muito’ |
| b) <i>Kunu zweee.</i> | (Cihle) | ‘está um silêncio total’ |
| c) <i>kunu hwiii.</i> | (Cimh) | ‘está um silêncio, muito calmo’ |

Conforme os dados, a variação discursiva centra-se no nível do discurso ou da fala. Esta variação é visível quando falantes que estão em contexto diferentes, com o mesmo recurso linguístico, no seu discurso, apresentam traços linguísticos diferentes de outros falantes. Importa referir que as variações ao nível discursivo não são visíveis na escrita, ou seja, esta variação é diferente da variação lexical.

Entretanto, decorrente dos 3 tipos de variação selecionados para o estudo, os dados mostram que o Citshwa está a sofrer o processo de mudança linguística. Um dos argumentos que fundamenta este estudo é carácter heterogêneo, dinâmico e complexo dos sistemas linguísticos. As realizações (lexicais, fonético-fonológicas e discursivas) caracterizam cada comunidade linguística falante do Citshwa, ou seja, conforme Viotti (2013), cada comunidade é única, no sentido de que cada uma é fruto de suas próprias e únicas histórias.

Considerações finais

A língua Citshwa varia sob ponto de vista do contexto em que é falada. Com isto, se compreende que cada comunidade falante desta língua possui seus traços linguísticos típicos que se diferem doutras comunidades. Com base nos dados da pesquisa, constatou-se que são comuns as variações desta língua a nível fonético-fonológico, morfossintático e lexical.

O estudo mostrou ainda que as variações são importantes, à medida que contribuem para o desenvolvimento das línguas, contribuindo, dessa forma, para o processo de mudança linguística.

No que diz respeito aos fatores, o estudo provou que a variação do Citshwa é, sobretudo, condicionada por fatores de ordem linguística (contacto de línguas, interferências de outras línguas) e extralinguística (sociais, localização geográfica do distrito de Vilankulo e Massinga).

Assim, é importante que comunidade Tshwa compreenda as diferenças relacionadas com a identidade, que é o modo como as pessoas falam, identificando-se de acordo com a sua região. No geral, as variações possibilitam o desenvolvimento de uma determinada língua e devem ser encaradas numa dimensão 'positivista', ou seja, não como 'erro'.



Referências

- Bagno, M.; Rangel, N. (2005). Tarefas da educação linguística no Brasil. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, p. 63-81.
- Bartoni-Ricardo, S. M. (2014). **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto.
- Becker, F. (1994). Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Revista Educação e Realidade**, v. 19, n. 1, p. 32-42.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2004). **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial.
- Carvalho, J. E. (2009). **Metodologia do trabalho científico: saber fazer da investigação para dissertações**. 2.ed. Lisboa: Editora Escolar.
- Cezario, M. M.; Votre, S. (2008). Sociolinguística. In: Martelota, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, p. 142-154.
- Coan, M.; Freitag, R. M. (2010). Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Electrónica de Linguística**, v. 4, nº 2, p. 173-194.

- Correia, M.; Lemos, L. S. P. (2005). **Inovação Lexical em Português**. Lisboa: Edições Colibri.
- De Deus, V. G; Machado, D. M. (2010). **Linguística: estudo e ensino**. Universidade Tiradentes (UNIT): NEAD.
- De Saussure, F. (2006). **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix.
- Firmino, G. (2006). **A Questão Linguística na África Pós-Colonial: O caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique**. Maputo: Textos Editores.
- Gil. A. (2008). **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo.
- Gorski, E. M.; Coelho, I. L. (2009). Variação linguística e ensino de gramática. **Work. pap. linguíst.**, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 73-91.
- Görski, E. M.; Valle, C. R. M. (2016). Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. In: Freitag, R.; Gorski, C. S.; Görski, E. M. (Org.). **Sociolinguística e a política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Blucher, p. 79-99.
- Gundane, L. (2019). Política linguística: educação inclusiva em contextos de diversidade linguística e cultural em Moçambique. **Revista científica da UEM: Série. Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, p. 112-125.
- Guthrie, M. (1967/71). **The Classification of the Bantu Languages**. London: IAL.
- Hudson, R. A. (1980). **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2019). **IV Recenseamento Geral da População e Habitação, 2017: Resultados Definitivos – Moçambique**, Maputo: INE.
- Labov, W. (1972). **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2003). **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas
- Ludke, M.; André, M. E. (1988). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU.
- Mateus, M. H. M. et al. (2003). **Gramática Da Língua Portuguesa**. Lisboa: Ed. Caminho.
- May, T. (2004). **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3.ed. trad. Carlos Soares Porto Alegre: Artmed.
- Michel, M. H. (2005). **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas.

Ngunga, A. (2012). Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado Moçambique. **Revista Científica da UEM**, v. 1, n.1, p. 7-20.

Ngunga, A.; Faquir, O. (2011). **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário**. Maputo: CEA – UEM.

Nhampoca, E. (2015). Ensino bilingue em Moçambique: introdução e percursos. **Work. Pap. Linguíst.**, nº. 16, v.2. Florianópolis, p. 82-100.

Ruiz, J. A. (2009). **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 6.ed. São Paulo: Atlas.

Salomão, A. C. (2011). Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207.

Vergara, S. C. (2010). **Projectos e relatórios de pesquisa em administração**. 12.ed. São Paulo: Atlas.

Viotti, E. (2013). Mudança linguística. In: Fiorin, J. L. (Org.) **Linguística o que é isto?** São Paulo: Contexto, p. 137-79.



Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 20/12/2022

Para citar este texto (ABNT): GUNDANE, Lucerio. Variação do Citshwa: análise comparativa do Cihlengwe e Cimhandla. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.209-225, jan. - jun. 2023.

Para citar este texto (APA): Gundane, Lucerio. (jan./jun.2023). Variação do Citshwa: análise comparativa do Cihlengwe e Cimhandla. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1): 209-225.